

LENI ZUMAS  
AS  
HORAS  
VERMELHAS

PARA QUE SERVEM  
AS MULHERES?

*Tradução*  
Isa Prospero

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Leni Zumas, 2018

Esta edição foi publicada em acordo com a DeFiore e Company Literary Management, Inc., por meio da Agência Literária Riff Ltda.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *Red Clocks*

*Preparação:* Fernanda Cosenza

*Revisão:* Laura Folgueira e Renata Lopes Del Nero

*Diagramação:* Vivian Oliveira

*Capa:* adaptada do projeto original de Lauren Harms

*Letterings de capa:* Estúdio Chaleira – Cris Viana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Zumas, Leni As horas vermelhas: para que servem as mulheres? / Leni Zumas; tradução Isa Prospero. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. 336 p. ISBN: 978-85-422-1455-0 Tradução de: <i>Red clocks</i> 1. Ficção norte-americana 2. Feminismo - Ficção 3. Gravidez na adolescência - Ficção I. Título II. Prospero, Isa 18-1696 CDD 813
--

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2018

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



Planeta

Para Lucas e Nicholas  
*Per sempre*





*Pois nada era simplesmente uma única coisa.  
O outro Farol também era verdadeiro.*

Planeta

Virginia Woolf



Nascida em 1841 em uma fazenda faroesa de ovelhas,

A exploradora polar cresceu em uma fazenda perto de

No mar do Norte, entre a Escócia e a Islândia, em uma ilha com mais ovelhas que pessoas, a esposa de um pastor deu à luz uma criança que um dia estudaria o gelo.

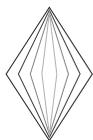
Banquisas<sup>1</sup> e outros blocos de gelo à deriva representavam um perigo tão grande para os navios, que qualquer pesquisador que conhecesse a personalidade desses blocos fosse capaz de prever seu comportamento era valioso para as empresas e os governos que financiavam expedições polares.

Em 1841, nas Ilhas Faroé, em uma choupana com teto de turfa, em uma cama que cheirava a gordura de baleia, de uma mãe que tivera nove filhos e enterrara quatro, nasceu a exploradora polar Eivør Mínervudóttír.

---

1. Também chamadas de campos de gelo ou bancos de gelo, as banquisas são blocos com pelo menos dez quilômetros de extensão formados pelo congelamento da água do mar. Por não estarem conectadas ao continente, ficam à deriva, sendo transportadas pela ação dos ventos e das correntes marítimas. (N.T.)





## A BIÓGRAFA

Em uma sala para mulheres cujos corpos estão quebrados, a biógrafa de Eivør Mínerudottír aguarda sua vez. Ela veste calças de moletom, tem a pele branca e o rosto sardento; não é jovem nem velha. Antes de ser chamada para subir nos estribos e sentir sua vagina ser cutucada por uma vara que projeta, em uma tela, imagens pretas dos seus ovários e útero, a biógrafa observa todas as alianças de casamento na sala. Pedras imponentes, faixas largas de brilho. Repousam nos dedos de mulheres que têm sofás de couro e maridos afortunados, mas cujas células e tubos e sangue estão fracassando no seu destino animal. De toda forma, é a história que a biógrafa gosta de imaginar. É uma história simples e fácil que lhe permite não pensar sobre o que está acontecendo na cabeça das mulheres ou na dos maridos que às vezes as acompanham.

A enfermeira Ranzinza está usando uma peruca rosa-neon e um aparato de alças plásticas que deixa quase todo o seu torso exposto, incluindo uma boa porção dos seios.

- Feliz Dia das Bruxas — ela cumprimenta.
- Para você também — diz a biógrafa.
- Vamos lá extrair uma linhagem.
- Perdão?
- Tirar sangue.
- Humm — diz a biógrafa por educação.

Ranzinza não encontra a veia de primeira. Ela tem que cutucar, e dói.

— *Cadê* você, menina? — ela pergunta à veia. Meses de agulhadas deixaram veios escuros nos braços da biógrafa. Felizmente, mangas compridas são comuns nessa parte do mundo.

- O Chico visitou de novo, não é? — pergunta Ranzinza.

— Impiedosamente.

— Bem, Roberta, o corpo é um enigma. Vamos lá. Pronto, *consegui*. — O sangue flui para a câmara. Ele vai mostrar quanto de hormônio foliculoestimulante e estradiol e progesterona o corpo da biógrafa está produzindo. Há números bons e números ruins. Ranzinza põe o tubo no suporte, ao lado de outras pequenas cápsulas cheias de sangue.

Meia hora depois, uma batida na porta da sala de exames – um aviso, não um pedido de licença. Entra um homem usando calça de couro, óculos de aviador e uma peruca preta encaracolada sob uma cartola.

— Eu sou o cara daquela banda — explica o dr. Kalbfleisch.

— Uau — diz a biógrafa, incomodada com quão *sexy* ele ficou.

— Vamos dar uma olhada? — Ele acomoda o couro em um banquinho diante das pernas abertas dela, diz “Opa!” e tira os óculos de sol. Kalbfleisch jogou futebol americano em uma universidade da Costa Leste e ainda tem o rosto de um rapaz de fraternidade. Ele tem a pele dourada e não é um bom ouvinte. Sorri enquanto cita estatísticas deprimentes. A enfermeira segura a ficha da biógrafa e uma caneta para anotar medidas. O doutor vai dizer quão grosso é o revestimento, quão grandes e quantos são os folículos. Acrescentando a esses números a idade da biógrafa (42), seu nível de hormônio foliculoestimulante (14,3), a temperatura lá fora (13 °C) e o número de formigas no metro quadrado de solo diretamente abaixo deles (87), sai a probabilidade. A chance de se ter uma criança.

Ele coloca as luvas de látex.

— Ok, Roberta, vamos ver o que temos aqui.

Em uma escala de um a dez, em que dez é o fedor agudo de um queijo envelhecido e um é a falta de odor, como ele classificaria o cheiro da vagina da biógrafa? Como a compararia às outras vaginas que desfilam pela sala de exames dia após dia, anos de vaginas, uma multidão de fantasmas vúl-vicos? Muitas mulheres não tomam banho antes do exame, ou estão lutando contra fungos, ou simplesmente fedem naturalmente nas partes baixas. Kalbfleisch sentiu alguns aromas maduros em sua trajetória.

Ele introduz a vara de ultrassom, coberta com a geleia azul-neon, e a pressiona contra o *cérvix* dela.

— O revestimento está fino — ele diz. — Quatro ponto cinco. Bem como queremos. — No monitor, o revestimento do útero da biógrafa é uma linha de giz branco contra um fundo negro, algo até difícil de se medir, parece

a ela, mas Kalbfleisch é um profissional treinado em cuja capacidade ela está depositando sua confiança. E seu dinheiro – tanto dinheiro que os números parecem virtuais, míticos, mais detalhes de uma história sobre dinheiro do que dinheiro que alguém teria de verdade. A biógrafa, por exemplo, não o tem. Está usando cartões de crédito.

O médico passa para os ovários, empurrando e entortando a vara até encontrar o ângulo certo.

— Aqui está o lado direito. Um bom cacho de folículos... — Os óvulos em si são pequenos demais para serem vistos, mesmo com a ampliação, mas seus sacos, buracos pretos na tela cinzenta, podem ser contados.

— Vamos torcer — diz Kalbfleisch, removendo a vara com delicadeza.

*Doutor, meu cacho é bom mesmo?*

Ele rola o banquinho para longe da virilha dela e tira as luvas.

— Nos últimos ciclos — ele está olhando para a ficha, não para ela —, você tomou Clomid para ajudar a ovulação.

Isso, ela não precisa que ele diga.

— Infelizmente, o Clomid também faz o revestimento uterino encolher, então, aconselhamos as pacientes a não tomá-lo por longos períodos. Você já tomou por um período extenso.

*Espere, o quê?*

Ela devia ter pesquisado a respeito por conta própria.

— Então, para a próxima etapa, precisamos tentar um protocolo diferente. Outro medicamento que tem melhorado as probabilidades em alguns casos de pré-gravidez geriátrica.

— Geriátrica?

— Só um termo clínico. — Ele não ergue os olhos da receita que está escrevendo. — Ela vai lhe explicar a prescrição, e voltamos a nos ver no nono dia. — Ele entrega a ficha para a enfermeira, se levanta e ajusta a virilha de couro antes de sair.

Cuzão, em língua faroesa: *reyvarhol*.

Ranzinza diz:

— Então, você precisa comprar isso hoje e começar a tomar amanhã de manhã, em jejum. Todos os dias por dez dias. Nesse período, você talvez note um odor fétido na secreção da sua vagina.

— Ótimo — diz a biógrafa.

— Algumas mulheres dizem que o cheiro é um tanto, hã, surpreendente — ela continua. — Até perturbador. Mas, o que quer que faça, não se

lave com a ducha. Isso vai introduzir substâncias químicas no canal que, se subirem ao cérvix, podem, sabe, comprometer o pH da cavidade uterina.

A biógrafa nunca usou uma ducha na vida, nem conhece ninguém que tenha usado.

— Perguntas? — indaga a enfermeira.

— O que o... — ela estreita os olhos para a receita — Ovutran faz?

— Ele ajuda a ovulação.

— Mas como?

— Você teria que perguntar ao doutor.

Ela está submetendo sua área a todo tipo de invasão sem entender uma fração do que está sendo feito a ela. De repente, isso parece terrível. Como poderá criar um filho sozinha se nem sabe o que estão fazendo com sua área?

— Eu gostaria de perguntar a ele agora — ela diz.

— Ele já está com outra paciente. É melhor ligar para o consultório.

— Mas eu estou aqui, *no* consultório. Ele não pode... ou não há outra pessoa que...

— Sinto muito, mas é um dia especialmente movimentado. Dia das Bruxas e tudo o mais.

— Por que o Dia das Bruxas deixa o consultório mais movimentado?

— É um feriado.

— Não é um feriado *nacional*. Os bancos estão abertos e os correios estão funcionando.

— Você vai precisar — diz Ranzinza lenta e cuidadosamente — ligar para o consultório.

A biógrafa chorou da primeira vez que não deu certo. Ela estava esperando na fila para comprar fio dental – havia jurado melhorar sua higiene dental agora que ia ser mãe – quando o telefone tocou e uma das enfermeiras disse “sinto muito, querida, mas seu teste deu negativo”, e a biógrafa disse “obrigada, ok, obrigada”, antes de desligar e as lágrimas começarem a fluir. Apesar das estatísticas e do “não funciona para todo mundo” de Kalbfleisch, a biógrafa tinha pensado que seria fácil. Um esguicho de milhões de espermatozoides de um estudante de Biologia de dezenove anos, esperando ali na hora exata em que o óvulo saísse voando; espermatozoides e óvulo colidem no túnel quente – como a fertilização poderia *não* ocorrer? *Não ser mais idiota*, ela escreveu em seu caderno, embaixo de *Ação imediata necessária*.

Ela dirige para o oeste na Rodovia 22 e adentra colinas escuras, densas com cicutas, pinheiros e abetos. O Oregon tem as melhores árvores dos Estados Unidos, altas e felpudas, alpinas e sinistras. A gratidão pelas árvores abafa o ressentimento em relação ao médico. A duas horas do escritório dele, o carro atinge o topo do penhasco e o campanário da igreja fica visível. O resto da cidade aparece em seguida, acororado sobre colinas rugosas que descem até a água. Uma fumaça enovelada sobe da chaminé do pub. Redes de pesca estão empilhadas na costa. Em Newville, é possível assistir ao mar comer o chão, uma vez depois da outra, sem parar. Milhões de acres talássicos abissais. O mar não pede permissão nem aguarda instruções. Ele não sofre por não saber o que diabos, exatamente, deve fazer. Hoje as ondas estão altas, a espuma branca desfeita colidindo com força nos rochedos. “Mar bravo”, as pessoas dizem, mas para a biógrafa a atribuição de sentimento humano a um corpo tão inumano é em si errada. A água se projeta por motivos que não têm nomes.

*Escola Regional da Costa Central procura professor de História (Estados Unidos/mundial). Ensino superior obrigatório. Local: Newville, Oregon, vila de pesca em porto tranquilo, baleias em migração. O diretor, com formação Ivy League, está comprometido em criar um ambiente de ensino dinâmico e inovador.*

A biógrafa se candidatou pelo “porto tranquilo” e por não haver menção a experiência. Sua breve entrevista consistiu no diretor, o sr. Fivey, resumindo seus romances preferidos de aventuras marítimas e mencionando duas vezes o nome da faculdade em que estudou. Ele disse que ela poderia fazer o curso para tirar o certificado de ensino em dois verões. Há sete anos ela vive ao abrigo de montanhas enevoadas e cobertas de árvores perenes, com penhascos de trezentos metros mergulhando diretamente no mar. Chove e chove e chove. Caminhões de lenha obstruem o trânsito na estrada do penhasco, os habitantes locais pescam ou produzem objetos para turistas, o pub exhibe uma lista de antigos naufrágios, a sirene de tsunami é testada uma vez por mês e os alunos aprendem a chamá-la de “senhora”, como se fossem criados.

Ela começa a aula seguindo seu plano diário, mas quando vê queixos afundando-se sobre punhos decide abandoná-lo. História global no primeiro ano do ensino médio – o mundo em quarenta semanas com um livro

didático estúpido que ela é contratualmente obrigada a usar – não pode ser suportada sem alguns desvios. Essas crianças, afinal, ainda não estão perdidas. Encarando-a com suas mandíbulas ainda recheadas de gordura infantil, estão se equilibrando na beira de não dar a mínima. Ainda dão a mínima, mas a maioria não por muito tempo. Ela os instrui a fechar os livros, o que fazem de bom grado. Eles a observam com uma nova imobilidade. Vão ouvir uma história; podem ser crianças outra vez, de quem nada é requisitado.

— Boadiceia era rainha de uma tribo céltica dos chamados icenos, onde hoje é Norfolk, na Inglaterra. A região tinha sido invadida algum tempo antes pelos romanos, que então governavam a terra. Seu marido havia morrido e deixado a fortuna para ela e as filhas, mas os romanos ignoraram o testamento, tomaram a fortuna, açoitaram Boadiceia e estupraram suas filhas.

Uma criança:

— O que é “acoitar”?

Outra:

— Bater em alguém pra cascalho.

— Os romanos a foderam solenemente — nesse momento alguém ri baixinho, pelo que a biógrafa é grata — e em 61 d.C. ela liderou seu povo em rebelião. Os icenos lutaram com garra. Forçaram os romanos a recuar até Londres. Mas lembrem-se de que os soldados romanos tinham muito incentivo para vencer, porque, se não vencessem, seriam cozinhados em espetos e/ou fervidos até a morte, depois de verem os próprios intestinos sendo puxados para fora do corpo.

— Maneiro — diz um menino.

— Finalmente, as forças romanas superaram os icenos. Boadiceia se envenenou para evitar a captura ou então adoeceu; de toda forma, ela morreu. A vitória não é a questão. A questão é... — Ela para, ciente de vinte e quatro pares de olhinhos.

No silêncio, uma risada suave arrisca:

— Lute como uma garota?

Eles gostam disso. Gostam de slogans.

— Bem — a biógrafa diz —, *mais ou menos*. Mas mais do que isso. Também temos que considerar...

O sinal.

Uma explosão de cadeiras arrastadas, corpos felizes em ir embora.

— Tchau, senhora!

— Tenha um bom-dia, senhora.

A que ri suavemente, Mattie Quarles, se demora perto da mesa da biógrafa.

— Então é daí que vem a palavra “*bodacious*”?

— Gostaria de dizer que sim — diz a biógrafa — mas “*bodacious*” se originou no século XIX, acredito. É uma mistura de “*bold*” e “*audacious*”.<sup>2</sup> Mas bom instinto!

— Obrigada, senhora.

— Você realmente não precisa me chamar assim — diz a biógrafa pela milionésima sétima vez.

Depois das aulas, ela para no Acme, combinação de mercado, loja de ferramentas e farmácia. O assistente do farmacêutico é um menino – agora um jovem – que foi aluno dela no seu primeiro ano na Costa Central, e ela odeia o momento, a cada mês, quando ele lhe entrega a sacola branca com a garrafinha laranja. *Eu sei para que isto serve*, os olhos dele dizem. Mesmo que os olhos do garoto não digam isso de fato, é difícil olhar para ele. Ela solta outros itens no balcão (amendoins sem sal, cotonetes) como que para disfarçar o medicamento de fertilidade. A biógrafa não lembra o nome dele, mas se lembra de admirar durante as aulas, sete anos antes, seus longos cílios negros – eles sempre pareceram um pouco úmidos.

Enquanto espera na cadeira dura de plástico, sob música de elevador e luz fluorescente, a biógrafa pega seu caderno. Tudo nesse caderno deve estar na forma de listas, e qualquer lista é válida. *Itens para a próxima compra no mercado. Padrões de gravata de Kalbfleisch. Países com maior número de faróis per capita.*

Ela começa uma nova lista: *Acusações feitas pelo mundo.*

1. Você é velha demais.
2. Se não consegue ter um filho do jeito natural, não devia ter um filho.
3. Toda criança precisa de dois pais.
4. Filhos criados por mães solteiras são mais propensos a estuprar/assassinar/usar drogas/tirar notas baixas em testes padronizados.
5. Você é velha demais.
6. Você devia ter pensado nisso antes.
7. Você é egoísta.

---

2. *Bold* (ousado) e *audacious* (audacioso). (N.T.)

8. O que você está fazendo não é natural.
9. Como a criança vai se sentir quando descobrir que o pai é um masturbador anônimo?
10. Seu corpo é uma casca grisalha.
11. Você é velha demais, sua solteirona patética!
12. Você está fazendo isso só porque se sente solitária?

— Senhora? A receita está pronta.

— Obrigada. — Ela assina na tela sobre o balcão. — Como vai o seu dia? Cílios ergue as palmas para o teto.

— Se faz você se sentir melhor — diz a biógrafa —, este medicamento vai me fazer ter uma secreção vaginal fétida.

— Pelo menos é por uma boa causa.

Ela pigarreia.

— O total é de cento e cinquenta e sete dólares e sessenta e três centavos — ele acrescenta.

— Oi?

— Sinto muito, de verdade.

— Cento e cinquenta e sete dólares? Por dez comprimidos?

— Seu seguro não cobre.

— Por que raios não?

Cílios balança a cabeça.

— Eu gostaria de, tipo, quebrar esse galho para a senhora, mas tem câmeras em todo canto desta porra.

Quando criança, a exploradora polar Eivør Mínervudóttír passou muitas horas no farol banhado pelo mar, cujo guardião era seu tio.

Ela sabia que não devia falar enquanto ele fazia anotações no livro de registros.

Que nunca devia acender um fósforo sem supervisão.

Noite de céu vermelho, alegria do marinheiro.

Manter a cabeça abaixada na sala da lanterna.

Urinar no pote e deixar lá e, se fizesse caca, embrulhar em papel de peixe para a caixa de lixo.



# Planeta